



**Biblioteca**

# **Educação literária**

**Poesia - 7º ano**

**Biblioteca**

# **Educação literária**

**Poesia - 7o ano**

## Índice

<b>Florbela Espanca</b> .....	<b>4</b>
<b>Amar!</b> .....	<b>4</b>
<b>Ser poeta</b> .....	<b>5</b>
<b>José Régio</b> .....	<b>6</b>
Cântico negro .....	6
O papão .....	8
Nossa Senhora .....	10
<b>Vitorino Nemésio</b> .....	<b>11</b>
A concha .....	11
Five o'clock tea .....	12
Meu coração é como um peixe cego, .....	13
<b>António Ramos Rosa</b> .....	<b>14</b>
Não posso adiar o amor para outro século .....	14
Para um amigo tenho sempre um relógio .....	14
<b>António Gedeão</b> .....	<b>15</b>
Impressão digital .....	15
Pedra filosofal .....	16
Lágrima de preta .....	18
Poema do fecho éclair .....	19
<b>Miguel Torga</b> .....	<b>20</b>
História antiga .....	20
Ariane .....	21
Segredo .....	22
A espera .....	22
<b>Manuel da Fonseca</b> .....	<b>23</b>
O vagabundo do mar .....	23
Maria Campaniça .....	24
Mataram a Tuna! .....	24
<b>Eugénio de Andrade</b> .....	<b>26</b>
As palavras .....	26

**Índice Florbela Espanca**

.....	4
<b>Amar!</b>	
.....	4
<b>Ser poeta</b>	
.....	5
José Régio	
.....	
..6	
Cântico negro	
.....	6
O papão	
.....	
.8	
Nossa Senhora	
.....	10
Vitorino	
Nemésio.....	
... 11	
A concha	
.....	
11	
Five o'clock tea	
.....	12
Meu coração é como um peixe cego,.....	13
António Ramos	
Rosa.....	14
Não posso adiar o amor para outro século	
.....	14
Para um amigo tenho sempre um relógio.....	14
António	
Gedeão.....	
... 15	
Impressão digital	
.....	15

Pedra filosofal	16
Lágrima de preta.....	18
Poema do fecho éclair	19
Miguel Torga.....	20
História antiga	20
Ariane	21
Segredo.....	22
A espera	22
Manuel da Fonseca.....	23
O vagabundo do mar	23
Maria Campaniça.....	24
Mataram a Tuna!	24
Eugénio de Andrade	26
As palavras.....	26



Canção .....	26
Urgentemente .....	27
Sebastião da Gama .....	28
O sonho.....	28
O papagaio.....	29
Ruy Cinatti .....	30
Meninos tomaram coragem .....	30
Quando eu partir, quando eu partir de novo, .....	31
Linha de rumo.....	32
Morte em Timor .....	33
Análise .....	33
Alexandre O’Neill.....	34
Amigo.....	34
Alexandre O’Neill.....	35
Gaivota.....	35
Auto-retrato .....	36
David Mourão-Ferreira.....	37
Barco negro .....	37
Maria Lisboa .....	37
David Mourão-Ferreira.....	38
Capital.....	38
E por vezes.....	39
Percy B. Shelley.....	40
Love’s philosophy .....	40

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE CANELAS – BIBLIOTECA

Canção

.....  
26

Urgentemente

..... 27

Sebastião da Gama

..... 28

O

sonho.....

..... 28

O

papagaio.....

..... 29

Ruy Cinatti

.....  
30

Meninos tomaram coragem

..... 30

Quando eu partir, quando eu partir de novo,

..... 31

Linha de

rumo.....

32

Morte em Timor

..... 33

Análise

.....  
33

Alexandre

O'Neill.....

34

Amigo.....

..... 34

Alexandre

O'Neill.....

35

Gaivota.....

.....	35
Auto-retrato	..... 36
David Mourão-Ferreira	..... 37
Barco negro	..... 37
Maria Lisboa	..... 37
David Mourão-Ferreira	..... 38
Capital	.....
. 38	
E por vezes	..... 39
Percy B. Shelley	.....
... 40	
Love's philosophy	..... 40
Educação Literária – 7o ano - Poesia	



## Florbela Espanca

### Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

### In Sonetos

## **Florbela Espanca**

### **Amar!**

Eu quero amar, amar perdidamente! Amar só por amar: Aqui... além... Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente... Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!... Prender ou desprender? É mal? É bem? Quem disser que se pode amar alguém Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida: É preciso cantá-la assim florida, Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada Que seja a minha noite uma alvorada, Que me saiba perder... pra me encontrar...

In Sonetos

Educação Literária – 7o ano - Poesia

## Florbela Espanca

### Ser poeta

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma, e sangue, e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda a gente!

In Sonetos

## **Florbela Espanca**

### **Ser poeta**

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior Do que os homens! Morder como quem beija! É ser mendigo e dar como quem seja Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor E não saber sequer que se deseja É ter cá dentro um astro que flameja, É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito! Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim... É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente... É seres alma, e sangue, e vida em mim E dizê-lo cantando a toda a gente!

In Sonetos

Educação Literária – 7o ano - Poesia

## José Régio

### Cântico negro

“Vem por aqui” – dizem-me alguns com os olhos doces,  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse  
Quando me dizem: “vem por aqui!”  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:  
Criar desumanidade!  
Não acompanhar ninguém.  
– Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde,  
Por que me repetis: “vem por aqui?”  
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!

## **José Régio**

### **Cântico negro**

“Vem por aqui” – dizem-me alguns com os olhos doces, Estendendo-me os braços, e seguros De que seria bom que eu os ouvisse Quando me dizem: “vem por aqui!” Eu olho-os com olhos lassos, (Há, nos meus olhos, ironias e cansaços) E cruzo os braços, E nunca vou por ali...

A minha glória é esta: Criar desumanidade! Não acompanhar ninguém. – Que eu vivo com o mesmo sem-vontade Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde, Por que me repetis: “vem por aqui!”? Prefiro escorregar nos becos lamacentos, Redemoinhar aos ventos, Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi Só para desflorar florestas virgens, E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada! O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem Para eu derrubar os meus obstáculos?... Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, E vós amais o que é fácil!

Educação Literária – 7o ano - Poesia

Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátria, tendes tectos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
Eu tenho a minha Loucura!  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém!  
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: “vem por aqui”!  
A minha vida é um vendaval que se soltou.  
É uma onda que se levantou.  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
– Sei que não vou por aí!

*In Poemas de Deus e do Diabo*

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE CANELAS – BIBLIOTECA

Eu amo o Longe e a Miragem, Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas, Tendes jardins, tendes canteiros, Tendes pátria, tendes tectos, E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios... Eu tenho a minha Loucura! Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura, E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém! Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; Mas eu, que nunca principio nem acabo, Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções, Ninguém me peça definições! Ninguém me diga: “vem por aqui”! A minha vida é um vendaval que se soltou. É uma onda que se alevantou. É um átomo a mais que se animou... Não sei por onde vou, Não sei para onde vou – Sei que não vou por aí!

*In Poemas de Deus e do Diabo*

Educação Literária – 7o ano - Poesia



## José Régio

### O papão

Atrás da porta, ereto e rígido, presente,  
Ele espera-me. E por isso me atrapalho,  
E vou pisar, exatamente,  
A sombra de Ele no soalho!

– “*Senhor Papão!*”  
(Gaguejo eu)  
*“Deixe-me ir dar a minha lição!*  
*“Sou professor no liceu...”*

Mas o seu hálito  
Marcou-me, frio como o tacto duma espada.  
E eu saio pálido,  
Com a garganta fechada.

Perguntam-me, lá fora: “*Estás doente?*”  
– “*Não!*”, (grito-lhes)... “*porquê?!?*”. E falo e rio, divertindo-me.  
Ora o pior é que há palavras em que paro, de repente,  
E que me doem, doem, doem..., prolongando-se e ferindo-me...

Então, no ar,  
Levitando-se, enorme, e subvertendo tudo,  
Ele faz frio e luz como um luar...  
Eu ouço-lhes o riso mudo.

– “*Senhor Papão!*”  
(Gaguejo eu) “por quem é,  
*“Deixe-me estar aqui, nesta reunião,*  
*“Sentadinho, a tomar o meu café...!”*

Mas os mínimos gestos e palavras do meu dia  
Ficaram cheios de sentido.  
Ter de mais que dizer..., ah, que maçada e que agonia!  
Bem natural que eu seja repellido.

Fujo. E na minha mansarda,  
Volvo-lhe: - “*Senhor Papão!*  
*“Se é o meu Anjo-da-Guarda,*

## José Régio

### O papão

Atrás da porta, ereto e rígido, presente, Ele espera-me. E por isso me atrapalho, E vou pisar, exatamente, A sombra de Ele no soalho!

– *“Senhor Papão!” (Gaguejo eu) “Deixe-me ir dar a minha lição! “Sou professor no liceu...”*

Mas o seu hálito Marcou-me, frio como o tacto duma espada. E eu saio pálido, Com a garganta fechada.

Perguntam-me, lá fora: “Estás doente?” – “Não!”, (grito-lhes)... “porquê?!”. E falo e rio, divertindo-me. Ora o pior é que há palavras em que paro, de repente, E que me doem, doem, doem..., prolongando-se e ferindo-me...

Então, no ar, Levitando-se, enorme, e subvertendo tudo, Ele faz frio e luz como um luar... Eu ouço-lhes o riso mudo.

– *“Senhor Papão!” (Gaguejo eu) “por quem é, “Deixe-me estar aqui, nesta reunião, “Sentadinho, a tomar o meu café...!”*

Mas os mínimos gestos e palavras do meu dia Ficaram cheios de sentido. Ter de mais que dizer..., ah, que maçada e que agonia! Bem natural que eu seja repelido.

*Fujo. E na minha mansarda, Volvo-lhe: - “Senhor Papão! “Se é o meu Anjo-da-Guarda,*

Educação Literária – 7o ano - Poesia

*“Guarde-me!, mas de si! da vida não.”*

O seu olhar, então, fuzila como um facho.  
Suas asas sem fim vibram no ar como um açoite...  
E até no leito em que me deito o acho,  
E nós lutamos toda a noite.

Até que, vencido, imbele  
Ante o esplendor da sua face,  
De repente me prostro, e beijo o chão diante de *Ele*,  
Reconhecendo o seu disfarce.

E rezo-lhe: - *“Meu Deus! perdão...: Senhor Papão!*  
*“Eu não sou digno desta guerra!*  
*“Poupe-me à sua Revelação!*  
*“Deixe-me ser cá da terra!”*

Quando uma súbita viragem  
Me faz ver (truque velho!...)  
Que estou em frente do espelho,  
Diante da minha imagem.

*In As Encruzilhadas de Deus*

*“Guarde-me!, mas de si! da vida não.”*

O seu olhar, então, fuzila como um facho. Suas asas sem fim vibram no ar como um açoite... E até no leito em que me deito o acho, E nós lutamos toda a noite.

Até que, vencido, imbele Ante o esplendor da sua face, De repente me prostro, e beijo o chão diante de Ele, Reconhecendo o seu disfarce.

*E rezo-lhe: - “Meu Deus! perdão...: Senhor Papão! “Eu não sou digno desta guerra! “Poupe-me à sua Revelação! “Deixe-me ser cá da terra!”*

Quando uma súbita viragem Me faz ver (truque velho!...) Que estou em frente do espelho, Diante da minha imagem.

*In As Encruzilhadas de Deus*

Educação Literária – 7o ano - Poesia

## José Régio

### Nossa Senhora

Tenho ao cimo da escada, de maneira  
Que logo, entrando, os olhos me dão nela,  
Uma Nossa Senhora de madeira,  
Arrancada a um Calvário de Capela.

Põe as mãos com fervor e angústia. O manto  
cobre-lhe a testa, os ombros, cai composto;  
E uma expressão de febre e espanto  
Quase lhe afeia o fino rosto.

Mãe de Deus, seus olhos enevoados  
Olham, chorosos, fixos, muito além...  
E eu, ao passar, detenho os passos apressados,  
Peço-lhe – “A sua bênção, Mãe!”

Sim, fazemo-nos boa companhia  
E não me assusta a sua dor: quase me apraz.  
O Filho dessa Mãe nunca mais morre. Aleluia!  
Só isto bastaria a me dar paz.

– “Porque choras, Mulher?” – docemente a repreendo.  
Mas à minh’alma, então, chega de longe a sua voz  
Que eu bem entendo:  
– “Não é por *Ele*” ...

– “Eu sei! teus filhos somos nós”.

*In Mas Deus É Grande*

## **José Régio**

### **Nossa Senhora**

Tenho ao cimo da escada, de maneira Que logo, entrando, os olhos me dão nela, Uma Nossa Senhora de madeira, Arrancada a um Calvário de Capela.

Põe as mãos com fervor e angústia. O manto cobre-lhe a testa, os ombros, cai composto; E uma expressão de febre e espanto Quase lhe afeia o fino rosto.

Mãe de Deus, seus olhos enevoados Olham, chorosos, fixos, muito além... E eu, ao passar, detenho os passos apressados, Peço-lhe – “A sua bênção, Mãe!”

Sim, fazemo-nos boa companhia E não me assusta a sua dor: quase me apraz. O Filho dessa Mãe nunca mais morre. Aleluia! Só isto bastaria a me dar paz.

– “Porque choras, Mulher?” – docemente a repreendo. Mas à minh’alma, então, chega de longe a sua voz Que eu bem entendo: – “Não é por Ele”...

– “Eu sei! teus filhos somos nós”.

*In Mas Deus É Grande*

Educação Literária – 7o ano - Poesia